

CENÁRIO INTERNACIONAL

A experiência de uma pandemia nos EUA

RICARDO MENDONÇA E PAULA SIMÕES NARRAM A ANGÚSTIA
DE ESTAR EM TERRAS NORTE-AMERICANAS

Vivemos a apreensão em relação ao novo coronavírus mais ou menos desde o final de janeiro. O fluxo de pessoas na Califórnia é muito intenso, e a difusão do vírus aqui parecia inevitável. O primeiro impacto veio ainda em janeiro com uma multidão de alunos deixando as palestras da universidade usando máscaras. O segundo veio em uma viagem que Ricardo fez para o outro lado do país, e vivemos a angústia de a família estar longe em um contexto de incertezas.

As escolas dos nossos filhos foram fechadas a partir do dia 13 de março, quando iniciamos nosso isolamento social. Passamos a fazer compras de supermercado online e fazíamos pequenos passeios em volta do condomínio, para arejar a cabeça, distrair as crianças, mas mantendo o distanciamento de outras pessoas. Em poucos dias, o país já chegaria aos quase 200 mil casos, ultrapassando a China e a Itália, dois epicentros da doença. O número de mortos atingiu mais de 5 mil no fim do mês.

Desde os primeiros sinais dessa crise toda, muita coisa aconteceu. Já se mudaram padrões de sociabilidade e começaram a faltar algumas coisas no supermercado (primeiro, máscara, depois, álcool, produtos de

limpeza, arroz, macarrão, enlatados e outros produtos não perecíveis). O receio de desabastecimento é ainda maior quando se está longe de casa. As escolas das crianças enviam mensagens tranquilizadoras — as aulas foram suspensas, a princípio, por 15 dias. Nas universidades, muitos eventos começam a ser cancelados. As aulas da primavera devem ocorrer à distância, assim como as provas finais do inverno. E teve um email que deixou os professores bravos, mas que diz muito da vida acadêmica: ele pedia aos docentes que lançassem as notas rapidamente, para o caso de algum problema futuro.

É nesses momentos que as redes invisíveis do cuidado se fazem mais evidentes. E estas redes não são apenas de familiares e amigos — ainda que estas sejam absolutamente fundamentais em nossas vidas. Elas envolvem também sistemas de proteção social e de saúde. Alguns dos itens que podem agravar a crise por aqui têm a ver com os regimes de cuidado delineados. Poucos têm, por exemplo, licenças médicas remuneradas, o que obriga as pessoas a trabalharem mesmo doentes. Isso sem falar no próprio custo da doença. Como não há nada parecido com o SUS, não há clareza de como lidar com as pessoas que não têm planos de saúde. Teme-se que pessoas que precisariam de fazer testes não o façam pelo simples custo de ir ao médico ou fazer um exame. E mesmo que você tenha plano de saúde, o medo de uma eventual conta médica é quase tão grande quanto o do vírus. Seguros têm tetos de cobertura, e tratamentos intensivos não são muito afeitos a esses papos de tetos. Saúde é um problema coletivo... Gigantesco. E que diz de quem somos e do que valorizamos.

Acompanhamos daqui, apreensivos, as notícias que chegam do resto do mundo. O número de casos e mortes em países como Itália, França e Espanha; o rápido crescimento no Irã; a chegada do vírus ao Brasil. Novas preocupações surgem com o cancelamento de voos, e a nossa angústia aumenta ao pensar em nosso retorno a Belo Horizonte (previsto para julho). Será que as coisas vão melhorar até lá? Até quando tudo isso vai durar? Surgem também curiosidades: a praia mais perto de nossa casa (e uma das mais lindas!) é Corona del Mar, e o mercadinho onde se acham produtos brasileiros (incluindo farofa!) é o Corona. E

notícias, no mínimo, estranhas: como a dos aviões cruzando a Europa vazios para garantirem os slots de voos, do hospital incendiado após receber pacientes e a busca de curas milagrosas. Como em qualquer crise, o Corona joga luz sobre um monte de coisas e nos ajuda a pensar para onde estamos indo...

